

MIRTES SCALFONI

EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO:
CONTRADIÇÕES ENTRE DISCURSO E PRÁTICA

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de licenciatura de Educação Física. Setor de Ciências Biológicas da UFPR.

CURITIBA

1996

MIRTES SCALFONI

EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO:
CONTRADIÇÕES ENTRE DISCURSO E PRÁTICA

Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do curso de
licenciatura de Educação Física, Setor de
Ciências Biológicas da UFPR.
Prof^a. Vera Luiza Moro.

CURITIBA

1996

AGRADECIMENTOS

“Aos meus pais, por jamais interferirem nas escolhas profissionais de seus filhos e incentivar sempre a sermos os melhores no que nos propusemos realizar.”

“A minha orientadora Vera Luiza Moro e ao professor Wagner de Campos por me indicarem caminhos e me deixarem livre para acertar e errar, contribuindo assim para meu amadurecimento.”

“A todos os professores que me passaram conhecimentos e aqueles que me negaram conhecimentos, fazendo com que eu caminhasse com as próprias pernas, muitas vezes errando, mas as vezes acertando o caminho.”

“Ao Edson, pela tranquilidade passada na minha vida pessoal, deixando mais tempo livre para que esse trabalho fosse realizado.”

“Se estou indignada assumo as bandeiras de luta com todo fervor.
Elas mandam em mim. Estamos vivendo um período de crise aguda e estas coisas representam dezenas de impunidades de que o País está sendo vítima.
Se pudesse escolher, seria alienada, porque a vida é muito rápida e meu desejo é viver intensamente, mas algumas pessoas são condenadas à lucidez...”

Joana Fomm

SUMÁRIO

RESUMO	V
1. INTRODUÇÃO	6
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
2.1 CURRÍCULO E SUAS CONCEPÇÕES	8
2.1.1 CURRÍCULO E IDEOLOGIA: PODEMOS DISSOCIÁ-LO?	13
2.1.2 CURRÍCULO OCULTO E CURRÍCULO REAL	15
2.2 REFORMA CURRICULAR PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	17
2.2.1 A REFORMA CURRICULAR E SEUS OBSTÁCULOS	18
2.3 PROPOSTA CURRICULAR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR.....	21
3. METODOLOGIA	29
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	31
4.1 ANÁLISE DA CATEGORIA 1 - INTERESSE PELO CURSO.....	31
4.2 ANÁLISE CATEGORIA 2 - EXPECTATIVA EM RELAÇÃO AO CURSO	32
4.3 ANÁLISE DA CATEGORIA 3 - CONCEPÇÃO DO CURRÍCULO.....	33
4.4 ANÁLISE DA CATEGORIA 4 - REFORMULAÇÃO CURRICULAR.....	34
4.5 ANÁLISE DA CATEGORIA 5 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL	36
5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS	45

RESUMO

O estudo analisa as causas que levam as contradições existentes entre discurso e prática em relação ao currículo de Educação Física da UFPR, contribuindo para as discussões em torno de currículo e sua reformulação.

Para isto, foi utilizado como instrumento, questionários aplicados aos alunos e professores do Departamento de Educação Física e aos professores de outros Departamentos que ministram aulas para os alunos de Educação Física da UFPR, envolvidos diretamente com o atual currículo e sua reformulação.

A análise de caráter qualitativo foi realizada através de um referencial teórico, divididos nos seguintes tópicos: concepção de currículo, currículo e ideologia, currículo oculto e currículo real, reforma curricular para o curso de Educação Física no Brasil, a reforma curricular e seus obstáculos, e por fim relatamos como se deu o processo de reformulação curricular em vigor. Concluiu-se que, as contradições existentes, vem de uma concepção de currículo tradicionalista, da visão de professores e alunos que a Educação Física se traduz em esporte, muitas vezes negando a prática pedagógica e caminhando para que cada vez mais a Educação Física perca credibilidade junto a sociedade.

1. INTRODUÇÃO

Diversos estudos em torno da reformulação curricular do curso de Educação Física veiculam hoje no Brasil. Porém a prática pedagógica parece continuar dentro de pressupostos conservadores provindos, ao nosso ver, da própria formação profissional. Com base neste pressuposto é que nos propusemos neste estudo, a evidenciar as contradições existentes entre o corpo docente e discente do Departamento de Educação Física da UFPR em relação ao atual currículo e sua reformulação.

Este estudo foi elaborado com caráter qualitativo e teve como instrumento questionários aplicados aos alunos e professores do Departamento de Educação Física e aos professores de outros departamentos que ministram aulas para os alunos de Educação Física da UFPR, envolvidos diretamente com o atual currículo e sua proposta de reformulação. Consideramos este, um objeto de contribuição importante para o momento histórico que a Educação Física da UFPR atravessa, pois caminhamos para a reformulação curricular, e devemos abrir discussões para que a permanência de conceitos de educação física baseados em esporte, seja de vez deixado de lado. Devemos oportunizar o desenvolvimento de um estudo voltado para a formação profissional onde a competência científica, pedagógica, ética, política e moral. Deveriam ser sustentada por um currículo sólido, baseado em um conhecimento elaborado.

Objetivamos identificar as contradições entre discurso e prática em relação ao currículo de educação física, contribuindo para as discussões em torno de currículo e sua reformulação.

Com a finalidade de servir como suporte para análise e interpretação dos dados, desenvolvemos alguns tópicos como: concepções curriculares, currículo oculto e currículo real, currículo e ideologia, reforma curricular para o curso de Educação Física no Brasil, a reforma e seus obstáculos e por fim, relatamos como se deu o processo de reformulação da proposta em vigor .

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CURRÍCULO E SUAS CONCEPÇÕES

Para melhor compreensão do problema abordado neste estudo, consideramos relevante ressaltar tanto definições acerca de currículo quanto suas concepções para possibilitar o entendimento da análise das respostas dos questionário feito com os professores e alunos do Departamento de Educação Física da UFPR e professores de outros setores que ministram aulas para este departamento.

Segundo TRALDI, “currículo é um termo aportuguesado, vindo do latim curriculum que em sua origem e abrangência significa curso, percurso...” para muitos este “percurso” é interpretado por uma visão de senso comum, entre outros fatores, pelo fato de se traduzir num amontoado de disciplinas não sistematizadas e não críticas, apenas visando transmitir um conhecimento técnico (1977, p.22). Até bem pouco tempo essa era a forma predominante de se conceber currículo no âmbito da escola. Ao se definir currículo como uma listagem de disciplinas a preocupação básica era assegurar a transmissão de conhecimentos considerados essenciais e definidos de forma que pudessem preparar profissionais para exercer funções definidas em situações também definidas. Currículos montados pautados nesses pressupostos foram transformados, segundo KLIEBARD (1975) citado por

DOMINGUES (1986), “numa parte do sistema de produção sendo o aluno a matéria bruta, que deve ser transformada num finíssimo e útil produto, sob o controle de um técnico altamente qualificado.” Esta linha de pensamento foi a que norteou as propostas curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física no país, nos últimos anos, sendo a Resolução 69/69 do Conselho Federal de Educação uma última referência na nossa área. Nela orientava-se o mínimo de conteúdos para a formação de professores, em currículo fechado, numa abordagem técnica do conhecimento sob uma visão crítica de pesquisadores da área ressaltasse evidências decorrentes dessa linha de ação. MARIZ DE OLIVEIRA afirma que “na preparação do licenciado em Educação Física, a ginástica, o desporto, a dança, a recreação são utilizados através de uma abordagem essencialmente técnica. Essa formação voltada principalmente para a tecnicidade da atividade motora tem contribuído para a caracterização de profissionais superficialmente comprometidos com o processo educacional, ou seja, pseudo-educadores.”

ARAGÃO e CARMO (1983) citados por MARIZ DE OLIVEIRA (1988, p. 48) criticam o processo de formação profissional deixando claro que o profissional quando no exercício da profissão restringe-se a uma ação meramente reprodutivista e acrítica.

Tomando-se por conta a legalidade, essa concepção de currículo permeia o processo de formação profissional em Educação Física até 1987, e certamente contribui para que a mesma tenha hoje dificuldade devido ao limite de reflexão crítica, de se inserir no contexto educativo. Pois, se temos uma visão curricular fechada, conseqüentemente teremos dificuldades para conceber Educação Física numa visão mais ampla e como sendo parte integrante da sociedade.

Apesar deste procedimento instalar-se para a formação de profissionais da área de Educação Física, ocorrem mudanças relacionadas à concepção curricular tanto no âmbito da

pedagogia quanto na Educação Física. Algumas mudanças foram pouco significativas como por exemplo a visão positivista de DEWEY (1971) citado por TRALDI (1977) que não vê currículo em forma de cadeia disciplinar, e sim, que seu valor está na possibilidade de mostrar ao mestre os caminhos abertos à criança para o verdadeiro, o belo e o bom. Constata-se mudanças quanto à relação currículo/disciplina, mas retrocesso na maneira de ver o professor na sala de aula como meio figurante, seguidor de programas. Já outras mudanças foram muito significativas ou até mesmo radicais no sentido de “ir a raiz do problema”. Dentre desses pesquisadores MACDONALD citado por ROMANELLI (1990, p. 15), vendo currículo como sendo representante de uma ideologia em ação, em conjunto entrelaçado de julgamentos de valor e preocupações com a aquisição e produção de conhecimento, que se supõe deva ser o centro de toda atividade escolar. Nesta linha de pensamento onde a amplitude de conceito de currículo chega inclusive a considerar o processo ensino-aprendizagem e suas implicações é que alguns pensadores da Educação Física vem trabalhando.

Estas mudanças as quais nos referimos trouxeram avanços científicos na área de Educação e em específico na Educação Física. A exemplo disso, a resolução 03/87 do CFE repercutiu para a reformulação dos aspectos da legalidade, uma concepção aberta de currículo, permitindo reflexões críticas, as quais, são, obviamente construídas ao longo da história.

No decreto 69.450/71 do CFE, a Educação Física era considerada como sendo:

“Atividade que por seus meios, processos e técnicas desperta, desenvolve e aprimora as forças físicas, morais e sociais do educando, constituindo-se num dos fatores básicos para a conquista das finalidades da Educação Nacional.” (Decreto 69.450/71).

A palavra **atividade** relacionada no decreto acima é traduzida segundo o parecer 853/71 como sendo “fazer prático não significativo de uma reflexão teórica”. Essa definição

traz a dicotomia corpo e mente desencadeando discussões que os pesquisadores da nossa área discutem nos dias atuais. Além disso, qual a concepção de homem está embutida nas questões legais. Refletir ou reproduzir o sistema?

Para uma maior aprofundamento sobre as concepções curriculares vamos fazer algumas discussões acerca das mesmas.

O significado da palavra concepção é originária do latim “conceptione” e de acordo com a língua portuguesa se traduz no ato de compreender, ponto de vista, opinião, conceito, modo de ver. Logo, podemos entender que existem muitas visões a respeito de variadas temáticas, nem sempre provenientes de opiniões convergentes. É sob esta ótica que faremos uma abordagem de currículo na área da educação expondo alguns pontos divergentes segundo alguns pensadores.

Para MACDONALD (1975) citado por ROMANELLI (1990, p.16) os teóricos do currículo se dividem em três grandes grupos.

- “- Aqueles que vêem a teoria como esquema orientador das pesquisas sobre currículo e como instrumento de avaliação.
- Outros, orientados para um conceito mais convencional de teoria científica, ocupam-se em identificar e descrever as variáveis curriculares e suas relações.
- E por fim, o grupo que encara a tarefa teorizar como uma atividade intelectual criativa, uma busca de novas maneiras de pensar o currículo que possam se revelar, no futuro, mais férteis do que as que se tem hoje.”

PINAR (1975) citada por ROMANELLI (1990, p. 16) classifica os teóricos do currículo da seguinte forma: TRADICIONALISTAS, CONCEITUAL - EMPIRISTAS E RECONCEITUALISTAS.

Os TRADICIONALISTAS são caracterizados por terem uma visão pragmática, obedecendo determinadas regras como definição dos objetivos, seleção dos conteúdos e outros “passos” que julgam importantes para se chegar a uma finalidade.

O grupo denominado de CONCEITUAL-EMPIRISTAS tem como ponto marcante a relação entre as atividades escolares enquanto variáveis do currículo, objetivando sempre a manipulação de comportamento enquanto manifestação observável e mensurável, por isto a preocupação com a comunicação e o consenso. Para uma maior compreensão deste grupo, KLIEBARD citado por ROMANELLI (1990, p.25) os representa pela metáfora do desenvolvimento, em que a escola seria como estufa onde cresceriam os alunos, com plantas cultivadas por um sábio e paciente jardineiro (o professor), que deverá prover todas as condições para que floresçam. Portanto, o aluno é visto como ser passivo que possui o papel de não questionar, apenas receber, assimilar, “aprender” os conhecimentos que lhe são transmitidos.

São chamados RECONCEITUALISTAS aqueles que representam a minoria dos pesquisadores de área e, sobretudo, que demonstram postura crítica relacionada ao pensamento curricular, sempre na busca de novos rumos que por sua vez não corresponde aos caminhos observáveis e mensuráveis, pensados pelos CONCEITUAL-EMPIRISTAS.

Os projetos de currículo dessa linha, segundo PINAR (1975) citada por ROMANELLI (1990, p. 19) tentam resgatar esquemas de valores priorizando temas como: transcendência, libertação, temporalidade, consciência política e mudanças sociais. A finalidade é o aperfeiçoamento da experiência educacional tendo como fonte inspiradora o existencialismo e a fenomenologia. No existencialismo:

“o que importa é o homem como existência, como um ser intimamente pessoal. E a fenomenologia, por sua vez corresponde ao “estudo das essências, e todos os problemas segundo a fenomenologia, tornam a definir essências: a essência da

percepção, a essência da consciência ... a compreensão do homem e do mundo se dá a partir dos fatos.” (KIERKEGAARD citado por TRIVIÑOS, 1987, p. 41-43).

Para o grupo de inovadores: HUEBNER, PHENIX, MACDONALD e PINAR, o conhecimento é resultado da racionalidade humana. Este grupo propõe um conceito de currículo como mensagem socialmente estruturada apoiada no neomarxismo de GIROX, YOUNG, JEAN ANYON e outros.

Alguns autores que podemos mencionar a nível de Brasil que contribuíram nesta área são: JOEL MARTINS (UNICAMP/SP), JOSÉ LUIZ DOMINGUES (UFGO), JOSÉ CARLOS LIBÂNEO, DEMERVAL SAVIANI, PAULO FREIRE, dentre outros.

As contribuições que estes autores trazem levam em conta a relação entre interesse humano e currículo: currículo como instrumento mediador do saber elaborado na passagem do educando da vida familiar à vida social como cidadão participante; esquemas de ação referenciados à realidade cultural brasileira contemporânea na área do planejamento curricular e vinculação ao paradigma dinâmico - diálogo.

2.1.1 CURRÍCULO E IDEOLOGIA: PODEMOS DISSOCIÁ-LO?

Poderíamos abrir uma ampla discussão em torno da palavra ideologia. Contudo nos limitaremos apenas a explicitar aos leitores algumas noções ligadas à definição de ideologia utilizada neste estudo.

Numa breve análise do conceito de ideologia, WERNECKI (1984, p. 31) coloca duas alternativas básicas. São elas: “a ideologia seria um código estruturador do discurso ou o próprio discurso como conteúdo signficante”.

Ainda dentro das concepções ideológicas a título de enriquecimento, podemos citar LÊNIN citado por WIGGERS (1988, p. 45) que contempla ideologia: “como qualquer concepção da realidade social e política vinculada a interesses e posições das diversas classes sociais, ideologia burguesa (dominante) e ideologia proletária (dominada)”.

Depois de ter focado no estudo-concepções curriculares - e conceitos de ideologia podemos chegar a conclusão que não há possibilidade de dissociação entre currículo e ideologia.

Segundo WIGGERS (1988, p.44), “a escola hoje transmite do seu currículo, não somente de modo explícito (currículo real), mas principalmente de modo implícito (currículo oculto); regras ideológicas que legitimam e mantêm algumas estruturas do sistema capitalista como por exemplo as desigualdades sociais.”

Ilustrada na sociedade atual que a educação favorece a ascensão social. Essa idéia só é válida para a classe burguesa, única em condições e oportunidade de acesso à educação de qualidade. Assim como na educação, a história se repete em relação à mão-de-obra quando é passado ideologicamente para o operário que o trabalho dignifica o homem, engrandece e que através dele pode-se alcançar uma melhor condição social.

A escola pública deve estabelecer contraposição aos interesses dominantes e isto requer ao nosso ver, formas curriculares diferentes que reflitam o saber e identifiquem o real objetivo da educação como processo dialético.

Como já vimos as características do currículo real e do currículo oculto podemos então perceber a importância de o professor se tornar consciente desses fatos, pois constata-se a existência de um jogo de interesses políticos, sociais e econômicos na escola. É dever do professor agir no sentido de pelo menos minimizar seus efeitos negativos indicados por reprodução do sistema.

2.1.2 CURRÍCULO OCULTO E CURRÍCULO REAL

A palavra oculto significa escondido, encoberto, desconhecido, invisível. Por que um currículo teria tal denominação? A explicação encontrada por WALLACE citado por GIROUX (1986) é a seguinte:

“... chamaríamos de currículo oculto o que não aparece explicitado nos planos educacionais mas ocorre sistematicamente produzindo resultados não acadêmicos, igualmente significativos. Em certo sentido, representa a operacionalização - ainda que não declarada - da função social de controle que a escolarização exerce.”

GIROUX (1986) traduz currículo oculto ao “pé da letra” como sendo o conjunto das normas sociais, valores e princípios transmitidos de modo implícito através do processo de escolarização. Para efetivação desta transmissão de valores para escola, ele propõe três discernimentos essenciais:

- “1 - As escolas não podem ser analisadas como instituições ausentes do contexto sócio-econômico em que estão situadas.*
- 2 - As escolas são espaços políticos envolvidos na construção e controle do discurso, dos significados e das subjetividades.*
- 3 - Os valores e crenças do senso comum que guiam e estruturam a prática escolar não são universais a priori, mas construções sociais baseadas em pressuposições normativas e políticas.”*

Se reportamos até o cotidiano de nossas escolas constatando o que realmente se transmite para nossos alunos através do fator poder, recompensas, punições, competições, etc. Podemos efetivar os três itens acima.

Encontra-se, ideologicamente, soluções para todo tipo de problemas dentro da escola e até mesmo para aqueles alunos que não se enquadram dentro de comportamentos padronizados. Para alunos agressivos ou atitudes de vandalismo DREEBEN citado por

ROMANELLI (1990, p.25) recomenda atividade desportivas, atletismo e atividades rítmicas como música e o teatro que proporcionam oportunidades de performance satisfatória ou excepcional, realização pessoal e sentimentos de vitória. Além disso: “o esporte favorece o estabelecimento de uma ética em que privilégios particulares implicam em responsabilidade pública”. (DREEBEN citado por ROMANELLI, 1990).

Aliás, vimos observando já há algum tempo que o desporto serve como meio ideológico para solucionar problemas de ordem política, social, educativa, etc. Sendo que só o utilizam como arma ou como diriam na linguagem popular “bode expiatório”.

Na Educação Física também se encontrou e se encontra presente e incorporado padrões explícitos que acarretam subjacências assim como no currículo oculto; exemplo claro se deu na tendência militarista que serviu para promover saúde, ou disciplinar a juventude, levando-a a aceitar regras de convívio democrático e preparando novas gerações para o altruísmo, o culto a riqueza nacionais, etc. Subjacente a isto podemos perceber ainda, nos dias atuais, principalmente em outras nações, os conflitos internos pela pureza de raças, provenientes do nazismo (regime militar).

Denomina-se “currículo real”, a ligação entre escolas e outras instituições econômicas e políticas, e que as escolas em geral atuam sempre no sentido de distribuir conhecimento e valores que apoiam essas mesmas instituições. (APPLE, 1982, p. 191).

É importante ressaltar que os dois currículos são paralelos na escola, e que o estudo do currículo oculto é derivado da visão reconceitualista, principalmente por considerar a escola associada ao contexto sócio-econômico, por considerá-la espaço político envolvido na construção e controle do discurso, dos significados e das subjetividade e sobretudo por acreditar nos valores e crenças do senso comum como ponto de partida para construções sociais baseadas em pressuposições normativas e políticas.

2.2 REFORMA CURRICULAR PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Quando falamos que as universidades brasileiras são ineficientes, e que isso se manifesta pela falta de qualidade de ensino, não estamos dizendo trazendo nenhuma novidade. Dentro das universidades há uma consciência de que isso é realidade. Alguns grupos, espalhados aqui e acolá tentam reverter essa situação. Um dos caminhos buscados para essa eficiência é a reforma curricular. A partir da década de oitenta, várias universidades buscaram a reforma curricular, algumas pressionadas pela resolução nº 03 de junho de 1987 do Conselho Federal de Educação, para mudar a sua imagem, apostaram tudo na reforma curricular, mas as decepções não tardaram a acontecer. Ingenuamente acreditou-se que a mudança curricular garantiria o retorno da qualidade de ensino. Alguns professores acreditando que o problema continuava no próprio currículo, se empenharam em fazer reajustes na proposta inicial. Segundo SANTIN, o exagero foi tanto que num curso havia alunos de cinco grades curriculares diferentes (1992, p. 26).

A inutilidade do esforço para melhorar o ensino, via reformulação curricular, não passava de uma maquiagem, em muitos casos muito mal feita. Professores e alunos, que apostaram tudo nesse processo, agora se abatiam com a pouca repercussão das alterações conseguidas. Buscou-se então um vilão para a história. Muitos colocaram culpa na falta de verbas, que sabemos ser uma questão fundamental mas não é certamente a questão. A falência do ensino vem acompanhada de outros fatores, tão ou mais importantes que a falta de

recursos. Com certeza os recursos econômicos garantem equipamentos, instrumentos, meios, que para muitos cursos são básicos, mas não garantem a qualificação dos professores.

2.2.1 A REFORMA CURRICULAR E SEUS OBSTÁCULOS

Muitos obstáculos são encontrados quando nos propomos a fazer uma reforma curricular. Esses, começam pela pouca clareza das razões que levaram à busca da reformulação curricular. Em geral esses movimentos se solidificam pela aceitação das opiniões generalizadas de que os profissionais egressos das universidades são mal preparados. Em pesquisa feita por SILVA, citado por SANTIN (1992), foi constatado que a educação física enfrenta desprestígio social. SILVA porém, não garante que o não reconhecimento da sociedade venha da baixa qualidade desta área ou inversamente, se a baixa qualidade seja motivada pelo desprestígio. Setenta por cento dos entrevistados, entretanto, afirmam que o desprestígio está vinculado a uma formação profissional inadequada. Dentro das universidades o despreparo profissional foi aceito com muita naturalidade e, sem maiores análises da questão, o currículo foi imediatamente apontado como o grande vilão da história. Não houve uma preocupação concreta e explícita de avaliar a qualificação docente. SANTIN (1992) afirma que:

"Com a responsabilização do currículo, como centro da ineficiência universitária, surge o maior inimigo da reforma curricular. A unanimidade frente à necessidade de se atualizar o currículo não gerou conflitos para que se discutisse o próprio significado e função do currículo. Também não se procurou buscar outros elementos ou circunstâncias que, de uma maneira ou de outra, contribuíssem para a má qualidade do ensino. Nunca se levou a sério a

possibilidade de a desatualização estar diretamente ligada à desatualização de quem maneja o currículo".

Sem essas preocupações, a reforma se deu início sem a discussão do próprio currículo. Ele continuou a ser pensado como um conjunto de disciplinas estabelecidas como necessárias para se alcançar o domínio de uma área de saber, que por sua vez, garante definir a competência profissional do formando. As mudanças não passaram, de adequações e supostas atualizações diante de um avanço do conhecimento científico e, em parte, diante das exigências do mercado de trabalho.

Em primeiro lugar quando falamos em currículo, devemos incluir o corpo docente. Não adianta definir currículo se não se garantiu a qualificação de quem vai trabalhar com o mesmo. Os alunos também fazem parte do currículo. Segundo TAFFAREL (1992), "cabe à Direção Nacional do Movimento dos Estudantes de Educação Física constituir um grupo de trabalho permanente, que acumule uma reflexão interveniente a respeito das questões curriculares, objetivando subsidiar os Centros e Diretórios, que por sua vez, devem manter seus grupos de trabalho".

É fundamental que se estabeleça a ação discente. Um currículo só poderá ser eficiente quando, além de se definir a área de conhecimento de sua abrangência, seja estabelecida a qualificação docente e a atuação discente. Sem essas preocupações o fracasso será inevitável. Sem essas preocupações o currículo é visto como a troca de algo velho por algo novo. O professor continua o mesmo, nem pensa em mudar. Os alunos por sua vez, continuam a freqüentar as aulas da mesma maneira. Aham que o currículo novo vai resolver tudo.

Como decorrência da falta de questionamento sobre o currículo aparecem outros obstáculos. Segundo SANTIN (1992):

"Um deles manifesta-se no ato da formação do currículo. Como ele continua intocável, em sua estrutura, tenta-se recompô-lo com aqueles conteúdos que se presume novos ou indispensáveis para recuperar o prestígio do curso. Esta recomposição se dá em dois níveis. O primeiro parte do princípio de que o currículo deve conter um conjunto mínimo de conhecimentos que leve, em primeiro lugar a ter um domínio sobre determinada área do saber, e, secundariamente, seja base para a formação profissional."

Aí começam os conflitos dos donos de disciplinas, e tenta-se acomodar, conciliar, pois o professor pode ficar sem ter o que lecionar. Outro obstáculo bastante presente é aquele que tem a pretensão de ser inovador, pensando no mercado de trabalho. Neste caso as disciplinas não são pensadas a partir de um acervo de conhecimentos, mas sim a partir da demanda do mercado de trabalho. Não podemos esquecer também da falta de material esportivo, ou da falta de condições para atividades esportivas. Esta é uma das maiores ilusões, pois o movimento humano pode ser desenvolvido sem esses recursos. É preciso que dentro das universidades haja cabeças pensantes, capazes de dar respostas a soluções a todo e qualquer tipo de problemas que surgem no contexto da vida universitária. Infelizmente, na maioria das universidades estão mais preocupados em colocar obstáculo do que achar soluções. Boa parte dos profissionais que estavam envolvidos com a reforma curricular tiveram essa atitude, acabando por atribuir a reforma curricular um poder mágico, o que eximiria o professor da responsabilidade pelo possível fracasso.

Essas atitudes, acabam por desmascarar a falta de qualificação do corpo docente e discente. Sendo percebido nas aulas, onde o professor continua a dar suas aulas medíocres e o aluno é incapaz de questionar, argumentar, modificar.

2.3 PROPOSTA CURRICULAR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR

De acordo com a resolução nº 03 de junho de 1987 do CFE - Conselho Federal de Educação, algumas instituições de ensino superior que formam professores de Educação Física tiveram que passar por uma reforma curricular. Uma delas, a Universidade Federal do Paraná, mais especificamente o Departamento de Educação Física.

A reformulação curricular para a formação de professores de Educação Física se deu a nível nacional devido a vários motivos. BETTI (1991, p. 126) cita diagnóstico feito pela Federação Brasileira da Associação de Professores de Educação Física de Minas Gerais elaborado em 1984, que explicitava às condições da Educação Física brasileira. Dentre elas podemos destacar:

- “- autoritarismo e conservadorismo de seus conteúdos e estruturas;*
- mantém-se isolada das raízes culturais nacionais e da cultura regional;*
- mantém-se isolada das outras áreas de conhecimento;*
- encontra-se numa situação de dependência cultural;*
- seus valores, símbolos e conteúdos sempre relacionaram-se com os interesses e ideologias dos grupos dominantes instalados no poder;*
- sua didática predominante é condicionante, influenciada por modelos que impedem a criatividade do ser humano;*
- a proliferação indiscriminada dos cursos de Educação Física comprometeu a qualidade da formação profissional; e os currículos das escolas superiores estão defasados em relação as novas exigências da sociedade.”*

A resolução 003/87, propunha uma nova visão para os currículos em Educação Física. Podemos destacar alguns pontos importantes na fundamentação teórica do documento.

1º - Diz respeito a necessidade de conceber às instituições de Educação Física liberdade para realizar as modificações necessárias dentro de suas perspectivas individuais e suas peculiaridades regionais. Com isso cada instituição passaria a ter instrumentos legais, no sentido de elaborar seu currículo, seguindo alguns requisitos estabelecidos no documento. Essa liberdade cedida a cada curso de Educação Física de uma reformulação curricular, dependeriam praticamente de interesses do corpo docente e discente das instituições. Verificamos também que em alguns cursos não houve modificações, somente inclusão, exclusão e troca de nomes de algumas disciplinas.

2º - Diz respeito a falta de identidade própria da Educação Física, onde o parecer comenta: “A verdade é que a Educação Física não tem sido pensada como campo de conhecimento específico. A maneira como vem sendo concebida pela maioria das instituições de ensino Superior que oferecem unicamente a habilitação a nível de licenciatura voltada para a área de Educação Física no ensino regula de 1º e 2º Graus, sem maiores preocupações com os aspectos da pesquisa, muito tem contribuído para a descaracterização desses profissionais... e aí um dos problemas agudos para o desenvolvimento da Educação Física no Brasil.”

O problema da falta de objeto próprio da Educação Física e a descaracterização dos profissionais acende a discussão sobre licenciatura e bacharelado. Com a proposta de se criar bacharelado, a preparação do profissional ficará mais direcionada, cada um em sua área. Nesse caso o parecer comenta:

“Mesmo sem que tivesse chegado a um consenso quanto a oportunidade, ficou evidente que é importante a valorização do bacharelado, com currículos mais precisos, mais bem estruturados, mais voltados para a pesquisa e para a delimitação do campo profissional específico da Educação Física”.

O parecer em momento algum torna isso obrigatório, mas sim como sugestão para a melhoria da preparação do profissional em Educação Física.

3º - O ponto mais importante na resolução é o que diz respeito ao perfil do profissional, tanto para licenciatura quanto para bacharelado em Educação Física. A respeito disso o documento comenta:

- “- possuir destacada capacidade de análise e síntese, com ampla visão da realidade e atitude diante dela;
- ter consciência das reais necessidades e possibilidades do cidadão e das características apresentadas pela sociedade;
- dominar instrumentos, métodos e técnicas que permitam desenvolver sua profissão respondendo a situações concretas e gerais com condições de liderança e comportamentos éticos, que se ajuste à dinâmica do processo de uma sociedade em pertinente transformação;
- ser capaz de identificar as necessidades regionais e decidir de forma autônoma, propor e aceitar mudanças mantendo-se sempre atualizado no campo de ensino formal e não formal;
- ser capaz de usar adequadamente os conteúdos materiais, equipamentos, espaços e lugares, a fim de auxiliar os alunos a atingirem competência para viver cooperativamente na mais complexa situação;
- ser capaz de identificar e respeitar as diferenças individuais no processo de aprendizagem e estabelecer um ambiente crítico e reflexivo, dentro de uma proposta emancipadora e educativa”.

Estes são os itens propostos no documento, mas cabe a cada faculdade estabelecer o perfil do profissional desejado, que melhor se adapte a sua realidade e sua proposta de

trabalho. Como a sociedade e a Educação Física estão em constante transformação, o documento não delimita totalmente o perfil do profissional, sendo modificado toda vez que se sentir necessário.

Após a apresentação de alguns pontos da resolução 003/87, vamos relatar a proposta curricular do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, que tem como resolução final o parecer do CEP nº 628/88. O documento oficializa a carga horária num total de 3.210 horas-aula, fazendo-se assim a divisão: 780 horas-aula para a formação sócio-filosófico-biológica, 1800 horas-aula para a formação técnica e 630 horas-aula correspondem ao aprofundamento. A conclusão do curso de graduação se dá no mínimo em 4 anos e no máximo em 7 anos.

Antes de fazer a discussão e elaborar a atual proposta, foi feita uma pesquisa com os egressos da UFPR, PUC-PR, bem como os acadêmicos do curso de Educação Física da UFPR. Foram entrevistados 88 egressos e 222 alunos através de um questionário. Esse trabalho veio a nortear na elaboração da proposta curricular, mostrando alguns pontos muito significativos. Podendo destacar que entre os profissionais em atividade na Educação Física, apenas 38,55% trabalham na rede oficial de ensino e 53,01% em instituições privadas. Essa diferença aumenta em relação aos acadêmicos, apenas 8,01% estão empregados na rede oficial contra 65,22% na iniciativa privada. Outro dado importante é a diferença onde os entrevistados gostariam de atuar e onde estão atuando. Mais de 44 % egressos gostariam de trabalhar com pesquisa, mas somente 4,8% realmente trabalham nesse campo. Entre os acadêmicos esses dados não são muitos diferentes; 32,43% preferem fazer pesquisa, contra 4,40 que realmente o fazem. Quando se refere ao ensino superior (aulas para os cursos de Educação Física), 38,55 % dos egressos optariam por esse trabalho, mas só 2,04 % o exerce. No caso dos alunos foi encontrado um alto índice de 29,72% com interesse em trabalhar com

Educação Física Especial, mas não foi encontrado ninguém trabalhando nesta área. O único item onde a ocupação atual supera a desejada é no ensino de 1º e 2º Graus. Verifica-se que 27,71% dos alunos gostariam de atuar nessa área, contra 36,14 que objetivamente trabalham. Isso pode nos revelar como a falta de valorização profissional, os baixos salários podem ser os responsáveis por essa inversão de expectativas. Esses dados foram os mais significativos na organização e estruturação do currículo.

Em relação às dificuldades encontradas na atuação da profissão, destacou-se a falta de preparo profissional; desencontro entre a teoria e a prática; carência de seriedade; competência e consciência profissional durante o curso; falta de ética profissional; falta de estágio.

Segundo MEZZADRI (1994, p. 80) as falhas apresentadas no andamento dos cursos refletem as diferenças existentes entre os conteúdos trabalhados e a realidade vivida. Essas dificuldades somente serão superadas a partir de uma conscientização maior dos profissionais e num avanço das pesquisas científicas voltadas para a Educação Física no 3º Grau. Assim, haverá condições de dar suporte para a estruturação dos cursos de Educação Física, realizando uma reflexão contínua de sua prática cotidiana.

A última questão levantada foi as sugestões para as mudanças de currículo, para que a formação profissional fosse de encontro com a necessidade do mercado de trabalho. As sugestões foram mais ensino de filosofia, história e política aplicada a Educação Física, ética profissional, idéia de classe profissional, direitos e deveres enquanto educador e membro da sociedade, sintetizar matérias em menos tempo, ensino mais humanista, explorar o lado não formal da Educação Física, área biológica direcionada à fisiologia, cinesiologia, estágios em outras áreas, incentivar mais a pesquisa científica.

A partir desses dados levantados foi organizada uma comissão de sistematização que foi dividida em três sub-comissões. Uma do conhecimento do ser humano, “entendido como conjunto de conhecimentos sobre o ser humano, durante todo processo vital, no que concerne aos seus aspectos biológicos e psicológicos, bem como sua interação com o meio ambiente, face à presença ou ausência de atividades de Educação Física”. A segunda sub-comissão tratou do conhecimento filosófico e da sociedade, “compreendido como conhecimento filosófico”. O resultado da reflexão sobre a realidade, seja a nível da prática, da própria existência cotidiana do profissional da Educação Física, relacionada assim com eventos históricos, sociais, políticos, econômicos, ou seja, ao nível da teoria, numa apresentação rigorosa através das ciências dessa mesma práxis. O conhecimento filosófico deve consistir na articulação da práxis pedagógica com as teorias sobre o homem, a sociedade e a técnica. Entendido como a compreensão da natureza social das instituições, sistemas e processos com vistas a uma efetiva contribuição da Educação Física para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, considerando a realidade brasileira”. A terceira sub-comissão foi a do conhecimento técnico, “entendido como o conjunto de conhecimentos e competências para planejar, executar, orientar e avaliar atividades da Educação Física, nos campos da educação escolar e não-escolar, contribuindo para a geração e a transformação do próprio conhecimento técnico”.

Nessas sub-comissões havia participação de professores da Universidade, acadêmicos, representantes da Secretaria Municipal de Esportes, APEF-PR, e da Prefeitura Municipal. A comissão de sistematização priorizava a definição de um marco conceitual, o perfil do profissional desejado, bem como a estruturação de conteúdos nas disciplinas e na organização de grade curricular, seguindo as determinações preliminares das sub-comissões. Depois de vários estudos a comissão chegou a seguinte caracterização do curso: predomina a

formação do curso em Licenciatura Plena, priorizando uma maior especialização na área formal da Educação Física, ou seja, pré-escola, 1º, 2º e 3º Graus de ensino. O ensino formal possuía como característica a formação de um Educador com vistas na otimização do processo ensino-aprendizagem e que esteja vinculado a todo um contexto histórico - sócio-cultural. Ocorre também um ensino na área não-formal.

Após todas as discussões sobre a reformulação curricular, a comissão elaborou os seguintes objetivos deste curso:

- “- possibilitar a aquisição integral de conhecimentos e técnicas que permitem prioritariamente uma atuação na área formal (pré-escolar, 1º, 2º e 3º Graus);
- organizar a aquisição de conhecimento genéricos da área não formal (academias, condomínios e etc.);
- propiciar a auto realização do estudante, como pessoa e como profissional;
- considerar interesses do aluno, estimulando-o ao aperfeiçoamento contínuo.”

A comissão elaborou também o perfil do profissional, resultando na seguinte formação:

- possuir uma visão ampla da realidade sócio-política-cultural e econômica do país consciente das reais necessidades, possibilidades do cidadão e das características apresentadas pela sociedade, num sentido inovador, criador e democrático;
- ser profissional com visão pedagógica e científica, dominando instrumentos, métodos e técnicas que permitem desenvolver sua profissão, respondendo a situações concretas e gerais;
- ter condições de liderança e comportamento ético que se ajusta a dinâmica do processo de uma sociedade em permanente transformação;

- ser um profissional eficiente no uso de seus conhecimentos, sendo capaz de identificar as necessidades regionais, refletindo e decidindo de forma autônoma, propondo mudanças.”

3. METODOLOGIA

O presente estudo é de caráter qualitativo. É descritivo, preocupa-se com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.

O campo de investigação foi o Departamento de Educação Física da UFPR.

A amostra foi definida com 120 alunos, num universo de 580; com 9 professores do DEF num universo de 34 questionários distribuídos; com 9 professores de outros departamentos que ministram aula para o DEF num universo de 12 questionários distribuídos.

O procedimento adotado foi passar o questionário, conforme anexos, para todos os alunos e fazer sorteio de 120 para análise. Para os professores a análise foi feita com todos os questionários entregues.

Todos os professores contactados, aceitaram responder o questionário, que seria entregue sem identificação e colocado numa pasta que se encontrava na secretaria do DEF. Para os professores de outros departamentos seria deixado onde o mesmo achasse melhor para que pudessemos recolhê-los. Para a nossa surpresa, apenas 26,47% dos professores do DEF responderam o questionário, e 75% dos professores de outros departamentos responderam seus questionários, alguns até se interessando com o resultado final do trabalho. Esse retorno dado pelos professores do departamento, só vem reforçar a opinião dos alunos que classificam os professores como desinteressados.

O instrumento para coletar dados relativos ao objeto da monografia, foi questionários semi-estruturados por permitir um maior controle dos resultados.

Elaboramos 5 questões. A primeira questão objetivamos coletar respostas que diziam respeito ao que fez com que professores e alunos do DEF se interessassem, pelo curso, qual motivo ou circunstância os levaram a optar pelo curso. Para os professores de outros setores o que os levaram a ministrar aula no curso de educação física.

A segunda questão procurou captar de uma forma geral qual a concepção de currículo que professores e alunos possuem e suas opiniões quanto a reformulação curricular.

A terceira e quarta questão, procurou captar de uma forma geral qual a concepção de currículo que os professores e alunos possuem e suas opiniões quanto a reformulação curricular.

Na quinta e última questão queríamos saber se o atual currículo garante ou não, uma formação profissional de qualidade.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para melhor confiabilidade, tanto das análises quanto das interpretações dos dados coletados, dividimos os questionários em categorias. Num contexto geral, as respostas analisadas revelam que tanto o corpo docente quanto o discente desconhecem a proposta curricular do DEF, principalmente quando não conseguem ver na proposta um avanço em relação à licenciatura.

4.1 ANÁLISE DA CATEGORIA 1 - INTERESSE PELO CURSO

Dentre os professores de outros departamentos que ministram aulas no curso, somente um apresentou identificação com a área. 33,33 % só ministram aulas no DEF por determinação de seu departamento de origem.

Os professores que atuam no curso e pertencem ao quadro do docente do DEF citaram pontos que os levaram à escolha da área; mas a convergência se deu no interesse pelo meio esportivo. Dentre eles 77,77% escolheram a Educação Física como profissão por ter alguma ligação com o esporte, dificultando para alguns até hoje fazer alguma outra leitura senão a Educação Física traduzida em esportes, negando sua ação pedagógica.

Os alunos também apontaram, em sua maioria, 71,68%, o esporte como principal motivo por terem se interessado pelo curso, contra 3,61% por gostar de atuar na área escolar.

Outra parcela de alunos apontou influência de outras pessoas que já trabalhavam na área (4,21%), e outros motivos como: maior probabilidade de passar no vestibular, teste vocacional, falta de opção, trabalhar em academia, trabalhar com dança.

4.2 ANÁLISE DA CATEGORIA 2 - EXPECTATIVA EM RELAÇÃO AO CURSO

Quando questionamos aos alunos se o curso de Educação Física está atendendo as suas expectativas, 72,07% responderam que não, justificando sua resposta da seguinte forma:

- 25,0 % acha que o curso está muito defasado, com conhecimentos desatualizados;
- 21,25% acham que os professores estão desqualificados para atuar na área;
- 8,75% acham que as disciplinas tem pouca aplicabilidade no mercado de trabalho;
- 7,50% questionam por o curso ser só de licenciatura.

Aparecem outras justificativas de natureza bastante variáveis, sendo estas acima as mais significativas.

Essa mesma questão colocada para professores de outros departamentos que ministram aulas para o DEF 37,00 % responderam que sim, justificando que os alunos são interessados. 1% acha que sim, mas só em parte, porque não se pode fugir do objetivo do curso, que é de formar professores. Os outros 62% disseram que não, justificando em sua grande maioria que os alunos tem resistência, dificuldades e pouca reflexão. Aparece também como justificativa a falta de abordagem por parte dos professores da educação escolarizada e uma visão distorcida que se passa para os alunos da cultura corporal.

Quando se coloca a questão, “quando cursou Educação Física o curso atendeu suas expectativas? para os professores do DEF, 66,66% disseram que sim pois acreditavam que Educação Física era desporto de competição. Os outros 33,34 % disseram não, argumentando que os professores eram mal preparados, as instalações eram de má qualidade e os conteúdos eram tratados com pouca cientificidade. Apesar de os anos passarem e a Educação Física ter passado por significativas mudanças o discurso de professores e alunos, ainda são os mesmos.

4.3 ANÁLISE DA CATEGORIA 3 - CONCEPÇÃO DO CURRÍCULO

Quando se questionou aos professores de outros departamentos que ministram aula no DEF sobre a visão que possuíam em relação à currículo, constatou-se que 77,77% possuem uma concepção tradicionalista de currículo.

Quando essa mesma pergunta é feita para os professores do DEF, esse mesmo número se repetiu, 77,77% possuem uma concepção tradicionalista de currículo. Essa visão tradicionalista de professores de outros departamentos e do DEF fica explícito quando em suas respostas conceituam currículo como um amontoado de disciplinas.

Os alunos também possuem a mesma visão tradicionalista, de currículo, 73,65%, que podemos perceber em algumas respostas dadas:

- 57,01% definem currículo como disciplinas que compõem o currículo;
- 10,52% como matérias distribuídas em horários;
- 6,14% como conteúdos específicos de uma área entre outras opiniões que aparecem de modo menos significativo como: forma que coisas são colocadas

unidas; modo de preparar um profissional; carga horária e quantidade de disciplinas.

É possível denotar, nas respostas, que a maioria que responderam o questionário concebem currículo como sendo um amontoado de disciplinas.

4.4 ANÁLISE DA CATEGORIA 4 - REFORMULAÇÃO CURRICULAR

Quando se questionou aos alunos se o currículo precisa passar por uma reformulação, 2,52% responderam que não, sendo que encontramos contradições em suas justificativas. Uma que nos chamou atenção foi o fato de quem fez a opção de cursar educação física já saber como era. Sabemos que isso não é verdade, tanto que a maioria dos alunos - 71,68% terem feito essa opção por ter algum vínculo com o esporte. Queremos deixar claro que o curso tem como objetivo a licenciatura, formando profissionais para atuarem na área formal (escolas) e uma certa visão da área não-formal (academias, condomínios, clubes).

O que não se percebeu, ainda, é que mesmo atuando na área não formal, não se deixa de ser professor de educação física; ainda hoje perdemos tempo com a discussão licenciatura x bacharelado, nos desviando de discussões mais importantes. Em nenhum momento o curso coloca como objetivo a formação de técnico, atleta, treinador ou preparador físico. Talvez esteja aí o alto índice de insatisfação com o curso.

Um alto índice foi encontrado na resposta positiva, 97,48% - sim, o currículo precisa passar por uma reformulação. Em suas justificativas, 54,31 % acha que há muitas disciplinas com conteúdos repetitivos, 21,31% acha que há um excesso de carga horária.

Outros 16,10% percebem o curso fora da realidade do mercado de trabalho, defasado. Encontramos também 5,03% que indicam que os professores estão desatualizados e 3,13% acham que precisa-se criar o bacharelado.

Foi encontrado outras respostas que não aparecem de modo significativo mas achamos importante deixar registrado:

- falta de interdisciplinaridade;
- o curso tem muita teoria;
- falta de optativas;
- deve-se exigir menos performance. Aqui queremos registrar que apenas um aluno colocou esta questão, já que a grande maioria pensa educação física como esporte, já era de se esperar que não encontraríamos de forma persistente esta justificativa.
- precisa-se dar mais ênfase na anatomia e fisiologia. Também notamos aqui a valorização do conhecimento do ser humano na educação física.

Essa mesma pergunta feita aos professores de outros departamentos obtemos os seguintes resultados:

- 63,64% disseram que sim, pois este que aí está colocado tem falhas como: não incentivar à pesquisa; estar muito voltado para os esportes; deve-se rever seus fundamentos, refletir sua metodologia. Apenas um professor disse que não precisa haver reformulação pois acha que o currículo é bastante atual. 35,36% não opinaram por falta de conhecimento do currículo.

Entre os professores do DEF, 88,88% acham que o currículo deve ser reformulado, colocando as seguintes questões: é muito complexo para determinante de uma profissão; o currículo está inchado; não há definições em termos de projeto político e de grade curricular, precisa haver definição mais clara dos objetivos. Nenhum professor optou

pela resposta não, havendo professores que não quiseram opinar por falta de conhecimento - 11,12%.

4.5 ANÁLISE DA CATEGORIA 5 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Na análise das respostas dos alunos, na pergunta se o atual currículo garante uma formação profissional de qualidade apenas 20,33% disseram que sim, aparecendo com maior frequência que só o currículo não garante uma formação de qualidade, que isso depende muito do aluno. Outra resposta que nos chamou atenção é que for para trabalhar com escola, o currículo está muito bom.

Em sua grande maioria, 79,66% a opção foi para o não. Desses 22,34% citaram que os professores são desqualificados, 21,27% acha que o curso não dá conta de seus objetivos, 14,89% acham que certas disciplinas são dispensáveis; 10,63% citam que precisam fazer muitos cursos para ficarem atualizados; 4,25% coloca a falta de estágios como o problema da má qualidade dos profissionais do curso de educação física.

Os professores de outros departamentos ficaram divididos 33,33% acham que sim, e 33,33% acham que não.

Os que disseram sim, justificaram suas respostas dizendo que o que falta é um maior desempenho de professores e alunos e pelo que conhece da concepção de currículo, havendo só a dificuldade de concretizá-lo.

Os que disseram não, citaram a desproporcionalidade de disciplinas da área de conhecimento e muita carga horária; pouco incentivo a produção acadêmica; falta de

capacitação docente; valorização excessiva do culturismo físico; excesso de disciplinas e carga horária formais.

Alguns professores não opinaram, 33,34%, por falta de conhecimento e pouco tempo de instituição.

Esta pergunta para os professores do DEF foi respondida da seguinte forma:

- 44,44% acham que garante uma formação de qualidade, dizendo que o aluno tem que buscar, que este currículo dá conta de os alunos desenvolverem uma reflexão crítica e competente para atuar no ensino regular e por último que a formação profissional depende de outros fatores.

Para 55,55% dos professores a resposta é não. Acham que a formação é generalista é só a atuação nas escolas caracteriza a profissão; a falta de integração entre currículo e professores e que a proposta na prática não se caracterizou; por último é citado que não há um corpo docente especializado e comprometido com o universos da educação física.

Somente um professor não opinou por não ter informações suficientes.

5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Diante do quadro analisado, fica evidente que os questionários devem passar por uma interpretação no mínimo crítica, e claro, apoiada nas contradições existentes nas falas de professores e alunos relacionados ao currículo do Departamento de Educação Física da UFPR.

A partir das categorias analisadas podemos expor algumas contradições claramente evidenciadas. A primeira delas no revela a visão que os professores e alunos têm a respeito de Educação Física quando demonstram, através das respostas, os interesses com as quais vieram para o curso. Alguns professores de outros setores se encontram por acaso no curso, não permitindo um maior comprometimento com a área. Enquanto os professores de Educação Física e os alunos tem um interesse notório e significativo por esportes, resultando a visão de que a Educação Física se traduz em esporte. Concluimos que estamos diante de uma contradição; pois em momento algum a proposta curricular dá ênfase a uma Educação Física voltada para o esporte.

Como ressalta MAURICE BAQUET citado por BELBENOIT (1976), citado por MAURO BETTI (1991, p. 57), baseado de fato, nas condições atuais da Educação Física nas escolas, e que, obviamente se dá através da formação profissional.

“O desporto venceu. A Educação Física transformou-se, aqui mais, acolá menos, até se tornar uma verdadeira iniciação desportiva; ela apodera-se largamente dos exercícios, técnica e métodos da prática desportiva. Não devemos

procurar aqui as razões desse favor concebido ao desporto que vem de diversos fatores (históricos e sociais). Procuramos antes, como é que as tendências para se servir do desporto como meio de Educação Física, dar-lhe direito de cidade na escola e na vida cotidiana, se caracterizam no plano prático.”

O que podemos entender através da análise da proposta curricular do DEF, é que a mesma traz consigo uma concepção de Educação Física que abrange o conhecimento do homem em movimento, sociedade e filosofia. Portanto, o equívoco é geral. A começar pelos professores que não conseguem ver a educação física por outro ângulo senão esporte, principalmente ao fazerem sua opção profissional pela educação física.

Consideramos também, como contradição, o fato de a proposta curricular atual se aproxima da concepção reconceitualista de currículo cujas características se encontram na revisão de literatura; enquanto que professores e alunos se enquadram na visão tradicionalista ou quando muito na conceitual Empirista.

O que nos chama atenção, enquanto educadores, é que ainda exista professores percebendo currículo apenas como um amontoado de disciplinas; não levando sequer em consideração a bagagem de conhecimento já vivida pelo educando. Com isso é possível caminhamos para uma formação profissional baseada em novos horizontes para a educação?

Outra contradição encontrada é o conhecimento da proposta curricular. Alunos e principalmente professores de outros setores não conhecem a proposta curricular da Educação Física. Sabemos porém que para se obter êxito num projeto importante como esse, é preciso que todos os envolvidos o conheçam na íntegra para que se faça acontecer uma verdadeira práxis.

Encontramos também contradições no item relacionado à formação profissional. Como formar profissionais de qualidade sem garantir a aplicabilidade do currículo? Se os professores e alunos não assumirem a proposta curricular, pensamos que a formação

continuará garantindo sobretudo a hierarquia dos conceitos já pré-concebidos da Educação Física.

Também encontramos como ponto contraditório o fato de os informantes criticarem o currículo uma vez que não o conhecem de forma significativa. Tanto que algumas críticas foram por completo descabidas. Como por exemplo, a dicotomia teoria e prática ou o excesso de teoria, interpretado por alguns alunos da seguinte forma: teoria são as disciplinas (história da educação física, filosofia, diagnose...); e as disciplinas práticas como (natação, basquete, vôlei).

Outras críticas como a falta de interesse e capacitação dos professores aparece de modo relevante, e podem ser consideradas pelo colegiado de curso nesse período de reformulação curricular.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do estudo, nos encontramos, por várias vezes, diante de reflexões que colocávamo-nos em constante conflito. Dentre elas, se o próprio currículo não estava sendo contraditório com as expectativas que os alunos tem ao entrar para o curso de graduação em educação física. Expectativa essa em que, ao nosso ver, se traduz na própria concepção de alunos, professores e sociedade possuem. Ou seja, visão de que a educação física significa esporte. Portanto, o modo que a sociedade como um todo percebe a educação física continua dentro de conhecimentos ultrapassados voltados apenas para a “performance” esportiva, descartando o conhecimento do ser humano, sociedade e o conhecimento técnico.

Outra reflexão expressiva abordada no estudo foi quanto à aplicabilidade do currículo. Sabemos que justamente por problemas relacionado acima, torna-se difícil uma reformulação curricular que traz consigo também um avanço para a visão de educação física. Porém, precisamos conscientizarmo-nos de que todo processo de mudança é um incômodo, principalmente para as pessoas que não as querem. É preciso garantir que todos os professores envolvidos no processo tomem conhecimento da nova proposta que pouco a pouco deve tomar corpo, e que os acadêmicos não deixem de dar sua parcela de contribuição, que para nós é muito significativa. Assim talvez consigamos garantir, com maior confiança que saiam do meio acadêmico professores capazes de divulgar através da práxis a nova visão de Educação Física.

Propomos de imediato que todos participem desse processo de reformulação curricular que vem surgindo. Sentimos falta de “críticos de corredor e cantina” quando acontecem encontros para discutir e avaliar as propostas que serão colocadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, M. Ana Lúcia.. et alli. Proposta de estrutura curricular para o curso de licenciatura em Educação Física. Revista Motrivivência. Aracajú-Sergipe. Dez/1988. (p. 51-62).
- APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982. 246 p.
- BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento, 1991, 185 p.
- BRASIL, Conselho Federal de Educação. Resolução 03/87. Reformulação dos Currículos de Educação Física para o ensino de 3º Grau. Brasília. CFE. Jun/1987.
- _____. Conselho Federal de Educação Física. Resolução 69/69. Fixa o núcleo comum para os currículos de Educação Física para o ensino de 3º Grau.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer 853/71.
- ESCOBAR, O. Micheli. Reformulação dos Currículos de formação em Educação Física. Revista Motrivivência. Aracajú-Sergipe. Dez/1988. (p. 63-67).
- GEBARA, Ademir ... et alli. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas. SP: Papirus, 1992.
- GURY J. R. Carlos. Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1986, 201 p.
- LIBÂNEO, José Carlos ... et alli. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: cortez, 1992, 119 p.
- OLIVEIRA, José Guilmar... et alli. Educação Física e o ensino de 1º Grau: uma abordagem crítica. São Paulo: EDU; 1988, 67 p.
- MEZZADRI, Fernando Marinho. A Educação Física no Terceiro Grau: História; Função; Análise da proposta curricular. Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- MOREIRA, Antônio F. Barbosa. Currículos e Programas no Brasil. 2º ed. São Paulo. Papirus Editora, 1985.
- ROMANELLI, C. Ailse Therezinha. O currículo oculto da escola e sua influência no rendimento dos alunos: um estudo de caso. Dissertação (mestrado) Centro Pedagógico - UFES: 1990.

SANTIN, Silvino. Educação Física: temas pedagógicos. Porto Alegre: Editografia Ltda., 1992.

TAFFAREL, C. N. Z. Análise dos currículos de educação física no Brasil: contribuições ao Debate. In: Revista da Educação Física, UEM,3(1): 48, 1992.

ANEXOS

**QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES DE OUTROS DEPARTAMENTOS
QUE MINISTRAM AULAS PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR.**

1) O que fez com que você se interessasse em ministrar aulas para o curso de licenciatura em Educação Física da UFPR?-----

2) O curso de Licenciatura em Educação Física está atendendo as suas expectativas?

() sim em quê?-----

() não porquê?-----

3) O que é currículo para você?-----

4) Você acha que o atual currículo de Educação Física da UFPR precisa passar por uma reformulação?

() sim () não porquê?-----

5) Na sua opinião o atual currículo de Educação Física da UFPR garante uma formação profissional de qualidade?

() sim () não porquê?-----

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR

1) O que fez com que escolhesse o curso de Licenciatura em Educação Física?

() por já trabalhar com esportes

() por ter aptidões necessárias

() por ser atleta

() gosto pelos esportes

() mercado de trabalho amplo

() influência de outras pessoas

() outros-----

2) O curso de Educação Física da UFPR está atendendo as suas expectativas?

() sim em quê?-----

() não porque?-----

3) O que é currículo para você?-----

4) Você acha que o atual currículo de Educação Física da UFPR precisa passar por uma reformulação?

()sim ()não porque?-----

5) Na sua opinião o atual currículo do curso de Educação Física da UFPR garante uma formação profissional de qualidade?

()sim ()não porque?-----

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR**

1) O que fez com que escolhesse a Educação Física como opção profissional?-----

2) Quando cursou Educação Física o curso atendeu suas expectativas?

() sim () não porquê?-----

3) O que é currículo para você?-----

4) Você acha que o atual currículo de Educação Física da UFPR precisa passar por uma reformulação?

() sim () não porquê?-----

5) Na sua opinião o atual currículo de Educação Física da UFPR garante uma formação profissional de qualidade?

() sim () não porquê?-----

